

VULNERABILIDADES NAS ESCOLAS PAULISTAS: EFEITOS DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E ASPECTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE¹

Patrick Vieira Ferreira²
Luciane Helena Mendes de Miranda³
Dilma Antunes Silva⁴
Vera Maria Nigro de Souza Placco⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa CEPId, focalizando o eixo Vulnerabilidades. Para tanto, busca conhecer as condições de trabalho e aspectos da formação docente destacadas por profissionais atuantes na rede estadual de educação de São Paulo, frente aos desafios vivenciados durante a pandemia da Covid-19. O método utilizado para a coleta de dados foi a realização de grupos de discussão on-line com 40 profissionais, sendo estes: professores, coordenadores pedagógicos e diretores escolares. Para analisar os dados utilizou-se a Análise de Prosa. As condições de trabalho correspondem aos assuntos relacionados aos aspectos materiais e imateriais fundamentais para a efetivação da ação docente. Os temas identificados foram: sobrecarga de trabalho; exigências fora do horário de trabalho; aumento no número de avaliações e relatórios; exigência de diferentes estratégias para atrair o aluno para a aula online. A formação docente aborda as intercorrências nas ações formativas oferecidas aos docentes durante o isolamento social; os temas identificados foram: a qualidade das formações apresentadas; se as formações são ou não condizentes com a realidade da escola; como os profissionais avaliam essas formações; Centro de Mídias de São Paulo (CMSP); cursos distanciados da realidade da escola e, formação para a tecnologia. Os resultados sugerem que a vulnerabilidade escolar pode ser agravada por condições de trabalho precárias e formação docente inadequada. Alunos em situação de vulnerabilidade enfrentaram maiores desafios no processo de aprendizagem durante o período pandêmico e precisam de um ambiente escolar acolhedor, com professores capacitados e recursos adequados para superar essas dificuldades. Se as condições de trabalho dos professores forem desfavoráveis e sua formação não os preparar para lidar com a diversidade e as necessidades dos alunos vulneráveis, o ciclo de vulnerabilidade pode se perpetuar.

Palavras-chave: Condições de trabalho, Formação docente, Vulnerabilidade, Escolas públicas paulistas, pandemia.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

² Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, prpatrickvf@gmail.com;

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP. Professora e supervisora clínica da UNIP; luciane.miranda2@docente.unip.br;

⁴ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Professora EBTT da Universidade Federal de São Paulo, SP, antunes.dilma@unifesp.br;

⁵ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP; Professora nos Programas de Pós-Graduação Psicologia da Educação (PED) e Formação de Formadores (Formep), veraplacco@puccsp.br;

INTRODUÇÃO

Após o impacto vivenciado por todas as pessoas do mundo diante da Síndrome Respiratória Aguda Grave, nomeada pelos cientistas COVID-19, a forma de trabalho dos profissionais da escola, a relação com os alunos e seus familiares sofreram inúmeras transformações (COLLINS et al., 2020) e diante desta mudança, foi percebida que as condições de trabalho docente foram acrescidas de ações devido a implementação de forma remota de trabalho, o formato home office que era dominado por grandes instituições (PISSINATO; COUTINHO, 2019) e como resultado, observou-se: sobrecarga de tarefas; exigências fora do horário de trabalho; aumento no número de avaliações e relatórios; exigência de diferentes estratégias para atrair o aluno para a aula online.

Para Oliveira e Assunção (2010) às condições de trabalho docente é composta por recursos que possibilitam a execução da função docente, que corresponde às instalações físicas, recursos materiais, insumos, equipamentos, meios e todo apoio disponível para o desenvolvimento das atividades propostas, além das relações ligadas ao processo de trabalho e às perspectivas relacionadas ao emprego, como: formas de contratação, remuneração, carreira e estabilidade. Percebe-se então, que a escola da atualidade tem trazido muitos desafios para os professores e para as instituições, considerando as complexas realidades socioculturais, econômicas, tecnológicas e científicas que têm impactado a escola e seus atores.

As mudanças estruturais exigidas impuseram que as atividades fossem deslocadas do presencial para o uso de plataformas virtuais que eram pouco conhecidas por muitos professores, evidenciando a necessidade de aprender rapidamente uma nova ferramenta de trabalho. Com o uso de tecnologias rotineiramente, a dificuldade em lidar com uma nova técnica impactou as condições de trabalho docente.

A sobrecarga de atividades profissionais, além das questões pessoais, se destacou como um dos principais fatores de estresse para o docente, pois o fato de estar em casa, estabelecer e reconhecer limites entre o trabalho e atividades da rotina pessoal foi um grande desafio.

A necessidade de cumprir metas, o acúmulo de tarefas e o aumento de demandas podem ocasionar na diminuição dos espaços de descanso e lazer, uma vez que o professor se vê impelido a se manter conectado e responsivo, evitando a ideia de ócio, que pode levar a sentimentos de angústia e culpabilização, contribuindo para o aumento do estresse (MATIAS et al, 2022, p. 542).

As demandas aumentaram e as cobranças também, pois ampliaram a necessidade de cumprir metas, o acúmulo de tarefas fez com que o professor fosse obrigado a

hiperconectividade e a comprovação de seu trabalho. O ambiente de trabalho era o ambiente doméstico e as atividades docentes foram redefinidas num curto espaço de tempo, sendo os profissionais responsáveis por esse processo.

Outro aspecto que merece atenção é o controle sobre a produção do trabalho docente, que passou a ser medida pelas atividades pedagógicas realizadas pelos alunos, as avaliações aplicadas, as inúmeras reuniões e relatórios fora do horário de expediente, que eram vistas como um monitoramento online. Para Souza et al (2021) as novas exigências e o controle em vários níveis hierárquicos passaram a compor o trabalho dos profissionais da educação, de modo que os objetivos fossem alcançados, porém estão conectados ao aumento da produtividade sob olhares quantitativos que, muitas vezes, ampliam o estresse dos educadores.

Mais um desafio considerado, pelos docentes, durante a pandemia foi criar estratégias para atrair os alunos para as aulas online, porém há uma situação anterior que deveria ser considerada, muitos estudantes não tinham acesso à internet ou dividiam os equipamentos com outras pessoas da casa, situação que era vivenciadas pelos educadores também, além do que poucos profissionais tiveram contato com tecnologias educacionais em sua formação.

A dificuldade para motivar os alunos antes da pandemia era um quesito sempre considerado no ambiente escolar, durante as aulas remotas este tópico se manteve presente. Deixar as aulas atrativas usando os recursos tecnológicos, não dependia exclusivamente das ferramentas acessíveis, mas de toda adequação do ambiente virtual para o aluno e para o professor, pois o ambiente online não poderia se tornar apenas um espaço, apenas para depósito de conteúdo ou algo com fim em si mesmo. Os materiais disponibilizados assim como as tarefas deveriam exercer seus objetivos de forma atrativa e instigante para o aluno ou então repetiríamos o ensino tradicional informatizado (TATAGIBA; SERAFIM; TATAGIBA, 2023).

Neste contexto, continuam as autoras, a dinamização das metodologias de aprendizagem é necessária, ao invés de apenas receber as informações, os alunos precisam ter condições de pesquisar e discutir sobre os assuntos, para que seja protagonista na construção do seu saber. Tanto antes quanto depois da pandemia, os estudantes precisam interagir, se comunicar e compartilhar suas ideias, tornando a aprendizagem, além de ativa, significativa e colaborativa.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa desenvolvida em duas etapas estruturantes: aplicação de survey e realização de grupos de discussão com profissionais da rede estadual de educação de

São Paulo, dentre eles: professores, coordenadores pedagógicos e diretores escolares. Esta etapa da pesquisa ocorreu no ano de 2021, em formato virtual pela plataforma Zoom e alcançou cerca de quarenta profissionais. As reuniões seguiram roteiro previamente estruturado e, posteriormente, para analisar os dados utilizou-se a Análise de Prosa, de André (1983). Esta é concebida como “uma forma de investigação do significado dos dados qualitativos onde tópicos e temas vão sendo gerados a partir do exame dos dados e sua contextualização no estudo, sendo preciso que estes tópicos e temas sejam frequentemente vistos, questionados e reformulados, na medida em que a análise se desenvolve, tendo em vista os princípios teóricos e os pressupostos da investigação” (ANDRÉ, 1983, p.57).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, compreende-se condições de trabalho docente como conjunto de recursos que permite a efetivação da atividade do professor, ou seja, instalações físicas, recursos materiais, insumos, equipamentos, meios e todo apoio disponível para o desenvolvimento das atividades propostas, além das relações voltadas ao processo de trabalho e às condições de emprego, quais sejam, como: formas de contratação, remuneração, carreira e estabilidade (OLIVEIRA; ASSUNÇÃO, 2010).

A falta de instrumentos para o exercício docente é vivida pelos profissionais da escola pública paulista como podemos observar nas colocações abaixo:

E nesses 10 anos, **eu estava com computadores ainda, para você ter uma ideia, eu tinha um 486**. Para quem não entende de informática, 486 ele não consegue fazer mais nada, mas aqui ele fazia milagre esse 486. Ele conseguia acessar a Internet. Então, esse ano eu vi que teve um investimento bom do governo. Eu tenho as cobranças, mas no material chegou essa parte de material, mas agora só a gente investir no professor. (Coordenador A)

[...] tinha só uma impressora e os alunos desconectados vinham buscar os roteiros de atividade. Então, **tinha dia que a impressora não funcionava, tinha dia que a Internet não funcionava**, cabeada. **Eu não tinha computador**. Eu tinha um notebook que eu usava quando a direção não estava usando. Então, isso **foi bem complicado** porque, assim, uma coisa que me ajudou muito é que se não dá certo aqui, eu vou no outro, vou no outro e eu não quero nem saber, eu faço até dar certo [...] (Coordenadora M)

As falas dos coordenadores apontam para uma situação de falta de investimento em tecnologia e infraestrutura na instituição de ensino, o que impacta negativamente as condições de trabalho dos professores. Eles precisam lidar com recursos tecnológicos obsoletos, falta de acesso à Internet, compartilhamento de recursos e a necessidade de buscar soluções por conta própria para garantir a eficácia do ensino.

As descrições corroboram a falta de instrumentos vivenciados pelas escolas e por seus profissionais, porém a pandemia da Covid-19 transformou subitamente o trabalho nas escolas públicas trazendo novos desafios. Diante do agravamento da doença no país a suspensão das aulas presenciais foram necessárias e as escolas adotaram estratégias para que os estudantes não ficassem sem as aulas, assim o ensino remoto foi implementado afetando as escolas, os educadores, os alunos e os familiares.

[...] não houve um **preparo**, uma formação para o professor no sentido de como **lidar com essas ferramentas. Não havia garantia de que o professor teria essas ferramentas para trabalhar**, sabe? (Diretor W)

Falta ainda a formação do professor para dar algumas aulas tecnológicas, **porque nem todo professor tem equipamento necessário em casa**. Ninguém tem uma sala à prova de filhos, à prova de cachorro [...] (Coordenador A)

[...] eu me identifico com esse **professor que tem dificuldade de tecnologia**, porque para mim celular sempre foi assim, para usar no caso de extrema necessidade. Diferente dos jovens, dos mais novos que têm o hábito de ficar utilizando. E preparar a aula, não é? De forma diferente do que a gente estava acostumado? Então eu, particularmente, e sei que na minha escola há vários professores mais velhos, para a gente realmente tem sido assim, não só é uma necessidade, a gente entende. (Professora F)

[...] tinha **só uma impressora e os alunos desconectados vinham buscar os roteiros de atividade**. Então, **tinha dia que a impressora não funcionava, tinha dia que a Internet não funcionava, cabeada. Eu não tinha computador. Eu tinha um notebook que eu usava quando a direção não estava usando**. Então, isso foi bem complicado [...] (Coordenadora M)

Nós temos muitas dificuldades, tentamos superá-las, todas aulas auxiliamos os professores com uma dificuldade imensa de acesso, professores que não têm, digamos assim, conhecimento básico no momento que a gente tem que estar orientando como fazer. E a gente sabe que é uma necessidade, digamos assim, uma necessidade urgente. (Professor G).

A falta de preparo e formação adequada para os professores em relação ao uso de ferramentas tecnológicas. Isso é um problema importante, uma vez que os professores precisaram adaptar rapidamente suas práticas pedagógicas para o ensino online, e a ausência de treinamento adequado pode dificultar a eficácia do ensino. Ao mesmo tempo, nem todos os professores possuem os recursos necessários em casa para ministrar aulas online. Os professores mais velhos têm dificuldades de adaptação à tecnologia, uma vez que não cresceram com ela, o que torna a transição para o ensino online ainda mais desafiadora para esse grupo. No geral, as falas enfatizam a falta de preparo, infraestrutura, acesso a equipamentos e formação adequada para lidar com o ensino remoto. A pandemia forçou uma transição abrupta e desafiadora para o ambiente online, expondo as deficiências no sistema educacional em relação à tecnologia.

É perceptível que diversos elementos dificultaram a implementação de ações educativas eficazes.

Características territoriais, condições de infraestrutura, perfil do alunado e especificidades das diferentes etapas de ensino determinaram situações marcadamente desiguais entre redes de ensino, impactando na maior ou menor oferta de atividades não presenciais aos estudantes, no volume de atividades oferecidas bem como as condições de trabalho e de tempo de dedicação dos professores para desenvolvê-las e implementá-las (LIMA, 2020, p. 21).

A colocação da coordenadora é um exemplo, vejamos:

[...] tinha **só uma impressora e os alunos desconectados vinham buscar os roteiros de atividade**. Então, **tinha dia que a impressora não funcionava, tinha dia que a Internet não funcionava, cabeada. Eu não tinha computador. Eu tinha um notebook que eu usava quando a direção não estava usando**. Então, isso foi bem complicado porque, assim, uma coisa que me ajudou muito é que se não dá certo aqui, eu vou no outro, vou no outro e eu não quero nem saber, eu faço até dar certo [...] (Coordenadora M).

E situações inusitadas:

[...] eu estava dando aula para o pessoal de Enfermagem de Valparaíso e meu vizinho resolveu brigar. Uma discussão com a família e continuei. Eu falei para eles, “Olha, gente, **eu sei que vocês não vão mais prestar atenção na minha aula. Agora vai ficar só a conversa do vizinho** porque não tinha... Não tem como. (Coordenador A)

O ensino remoto não é uma tarefa fácil, mas foi primordial encontrar alternativas para facilitar tarefas:

Nós **adaptamos o horário do professor**, como ele tem horário de estudo, então nós fizemos assim. De manhã, respeitando o centro de mídias, por exemplo, o 6º ano chega às 7h, começa às 7h30 o centro de mídias. Aí ele vai... 9h30 terminou o centro de mídias, começa aula com professor virtual. Ou síncrona ou assíncrona e aí é tudo feito uma tabela para eles entrarem. Aí terminou essas aulas, aí fica o horário de estudo do professor no período da tarde, mas sempre, como o A está aqui, a E está aqui, vem uma live, vem uma formação [...] (Coordenadora G)

[...] a escola tem feito bastante porque os alunos não têm acesso nem aos roteiros. **Então eles imprimem os roteiros, as atividades que a gente passa, e muitos alunos têm levado na escola**. Eles fazem em casa, os pais passam lá e pegam, não sei exatamente, mas aí tem uma caixa que eles vão colocando as atividades e a gente recolhe. Então muita gente está fazendo desse jeito porque não tem meios de mandar pela internet. (Professora F)

Então, **cada professor é coordenador de uma sala**. [...] **-responsável pelo contato direto com aqueles responsáveis e aqueles alunos**. Então, os pais entram em contato com esse professor para saber se os filhos estão fazendo para evitar essa questão de “Ah meu filho está fazendo, não está fazendo, está assistindo aula, não está assistindo aula, resolveu atividade, não resolveu”. (Coordenadora E).

Essas estratégias refletem a adaptação das escolas à nova realidade do ensino remoto, onde a comunicação, organização e acesso ao conteúdo são desafios importantes. As escolas estão tomando medidas para manter a estrutura e a organização das aulas, fornecer materiais impressos para aqueles sem acesso à Internet e facilitar a comunicação entre pais, alunos e professores.

As adaptações eram feitas conforme as necessidades apareciam, mas o volume de atividades, a pressão, a sobrecarga de trabalho distanciada do trabalho docente aumentou, também:

[...] muitas vezes, o que a escola precisa está sendo deixado de lado para **cumprir o que a secretaria está mandando goela abaixo** nós. Então, essa seria a minha reclamação, mas como a gente ainda continua observando aula, mesmo que remotamente, mesmo que a aula seja online, nós mudamos todos os indicadores de observação de aula para aula online, mesmo com todas essas diferenças, com essas diferenças de lugares para observação, a gente ainda consegue capturar o que é necessário, mas hoje mesmo o que me aflige é que **eu deixo de trabalhar o que o meu professor precisa, porque eu tenho que trabalhar o que a secretaria me manda**. (Coordenadora G)

A coordenadora expressa preocupação com o fato de que as demandas da secretaria de educação podem sobrecarregar os professores, tirando o foco do que realmente é necessário para a escola. Isso destaca a tensão entre as exigências burocráticas e a necessidade de atender às necessidades dos alunos e professores.

[...] **a diretora e a vice-diretora** tiveram contato com o professor e ele testou positivo, então elas **estão distanciadas. Então, eu sou sozinha aqui**. Enquanto elas não retornam, a gente está se conversando, mas, por enquanto, elas não estão vindo trabalhar, seguindo os protocolos. **Aumentou a carga de trabalho com relação à pandemia, aumentou muito**. Então, eu estou com mais da metade dos alunos ainda que assinaram o documento de não retorno, por enquanto, porque não estão devidamente imunizados. Então, a carga de trabalho aumentou muito. Chega que triplicou. (Coordenadora M)

Já a coordenadora M. descreve uma significativa sobrecarga de trabalho, especialmente com a coordenação, devido ao aumento das responsabilidades relacionadas à pandemia. Ela menciona que a carga de trabalho triplicou, refletindo a necessidade de lidar com protocolos de segurança, ensino remoto e preocupações dos pais.

Para mim, **(pandemia) no ano passado eu ficava sozinho na coordenação. Então, eu passei um ano que eu não soube o que era sábado ou domingo, o que eram noites, não é? Porque a gente... Eu fiquei à disposição da escola, não só eu, mas a direção, toda a equipe gestora, à disposição da escola 24 horas para atender professor, pai e aluno. [...] eu não tive férias**. E aí graças a Deus houve essa reestruturação no início do ano que colocou mais colegas. Então, eu tenho os dois anos, o **primeiro ano de pandemia foi desafiador, muito cansativo, estressante ao extremo**, mas ainda assim eu vinha com entusiasmo porque eu estava empolgado com a ideia... (Coordenador A).

Os professores ainda mais porque o professor tem pai, mãe, filho, cunhado, tem um monte de coisa para trabalhar e vocês também têm, mas não chega aos pés do que a gente passa, **o tanto que ocorre de relatórios e mais relatórios**. (Coordenador A).

Eles mencionam a exaustão e a falta de tempo para pausas durante o dia de trabalho devido à carga intensa de tarefas, incluindo a geração de relatórios. Isso destaca a pressão e o estresse adicionais que eles enfrentaram, incluindo a sobrecarga de trabalho, a falta de tempo para si mesmos e a necessidade de lidar com pressões administrativas. Elas também indicam a

resiliência e a dedicação dos educadores em lidar com esses desafios e continuar a apoiar os alunos, apesar das condições adversas.

Chegando ao ponto de realizar atividades que fogem a sua responsabilidade:

No momento do final do bimestre **contratamos um mototáxi e ele levou via carta o que a gente precisava** que a informação que a gente precisava que o aluno viesse até a escola. Então, a gente teve muitos alunos que a gente conseguiu atingir com esse serviço e **a gente também indo na casa, porque a gente foi em várias também.** Então, foi assim que a gente conseguiu falar com eles. (Coordenadora M)

Ano passado aqui na escola, eu não estava aqui, mas a prefeitura disponibilizou um ônibus para que a gestão fosse... Porque a gente tem um distrito aqui próximo que a gente tem vários alunos e aí a prefeitura aqui do **município disponibilizou um ônibus para que a gestão fosse atrás desses alunos mesmo, levar na casa, atividade na casa.** Então, deu super certo. (Coordenadora M)

Para Gonçalves e Guimarães (2020) o trabalho docente é uma atividade ocupacional que exige respeito às cargas mentais, alta exposição a situações psicossociais complexas e, durante a pandemia, o investimento afetivo exigido para responder às ações profissionais fez com que o docente questionasse sua eficácia.

[...] **essa é uma reclamação** [saúde mental][...] **bem forte dos professores** que ficam o tempo todo 24 horas respondendo aluno, essa questão que [...] nós não podemos perder esse aluno que o pai chega em casa às 10h da noite e ele só tem esse horário para mandar mensagem. Então, o professor teria que responder e tal e **sente aquela ansiedade**, “Eu respondo, mas não é no meu horário. E aí eu tenho filho, eu tenho cachorro, eu tenho marido”, **isso tudo nós vivenciamos e bastante aqui.** (Coordenadora E)

[...] **eu fiquei bem estressada**, porque eu chegava e você falava, “Eu preciso fazer roteiro para tal, tal, tal”, e não conseguia porque não funcionava. Mas agora eu tenho uma impressora, eu tenho um computador, chegou. (Coordenadora Me)

[...] **nós não podemos perder esse aluno que o pai chega em casa às 10h da noite e ele só tem esse horário para mandar mensagem.** Então, o professor teria que responder e tal e sente aquela ansiedade, “Eu respondo, mas não é no meu horário. E aí eu tenho filho, eu tenho cachorro, eu tenho marido”, **isso tudo nós vivenciamos e bastante aqui.** (Coordenadora E)

A falta de condições de trabalho adequadas para o exercício docente relacionadas tanto aos recursos materiais quanto aos aspectos imateriais são geradoras de frustração, solidão e “desânimo na e da profissão docente” (RAMOS, 2020, p. 86), que conduzem ao adoecimento dos professores.

Vale ressaltar que muitas das dificuldades encontradas pelos docentes durante o período de isolamento eram anteriores a esta etapa

No final desse ano (2021) veio bastante coisa para a gente. A gente acabou de receber 52 notebooks para equipar as salas de aula. A gente já tinha recebido 17 e a gente recebeu acho que mais dois computadores. A nossa sala de informática é muito boa, mas já **fazia 10 anos que não tinha reestruturação.** (Coordenador A)

Então, assim, nós estamos lidando com as mudanças agora, mas antes a resistência era grande porque **nós não tínhamos [...] novos computadores agora.** Então, estão sendo colocados. Então, **a gente está recebendo o que precisa, os equipamentos**



necessários. Mas antes a relutância era grande porque eles diziam que não tinha como, **porque a gente não tinha equipamento** [...] (Coordenadora M)

Então essa **parte de tecnologia** nós estamos muito bem assistidos... **nunca esteve assim**[...] (Diretora M)

Pelas proposições acima, percebe-se que muitos equipamentos tecnológicos foram entregues à instituição escolar no ano de 2021 e é sabido que tais instrumentos são fundamentais para que o profissional docente possa ministrar seus conteúdos, focado no processo ensino-aprendizagem e assim, a escola alcance sua finalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises apresentadas, fica evidente que a falta de instrumentos e condições adequadas para o exercício docente impactou significativamente a experiência dos profissionais da escola pública paulista. As dificuldades variaram desde a falta de equipamentos tecnológicos até a ausência de formação e preparo para lidar com o ensino remoto, especialmente durante a pandemia da Covid-19.

A pandemia exacerbou as lacunas existentes, tornando ainda mais desafiador o trabalho dos educadores. A transição para o ensino remoto trouxe à tona a necessidade urgente de investimento em infraestrutura, formação e suporte tecnológico para os professores. Muitos profissionais tiveram que se adaptar rapidamente a novas tecnologias e métodos de ensino, o que gerou estresse e exaustão.

A falta de recursos adequados e a sobrecarga de trabalho também foram notáveis, com coordenadores e professores relatando a necessidade de buscar soluções improvisadas, como o compartilhamento de equipamentos e a impressão de materiais para os alunos sem acesso à internet. Essas ações refletem a dedicação e o esforço dos educadores para atender às necessidades dos alunos, apesar das limitações.

As adaptações e estratégias implementadas pelas escolas também são dignas de reconhecimento. As tentativas de organização de horários, a impressão de materiais, a comunicação direta com os alunos e suas famílias e o apoio mútuo entre os profissionais demonstram resiliência e criatividade em face das dificuldades.

É importante destacar que, apesar dos desafios, houve melhorias ao longo do tempo, com investimentos em equipamentos tecnológicos e infraestrutura, como a entrega de notebooks e computadores. Essas iniciativas representam um passo na direção certa para melhorar as condições de trabalho dos professores e garantir que o processo de ensino-aprendizagem seja mais eficaz.

O relato de situações inusitadas, como briga de vizinhos durante aulas online, e a pressão constante para estar disponível aos alunos, inclusive fora do horário de trabalho, ressaltam a importância de considerar não apenas os recursos materiais, mas também a saúde mental e o bem-estar dos educadores.

Em suma, as considerações finais apontam para a necessidade contínua de investimento em infraestrutura, formação e suporte tecnológico para os professores, a fim de garantir um ambiente de ensino mais eficaz. Também enfatizam a importância de reconhecer e valorizar o trabalho árduo dos educadores, bem como de promover ações que contribuam para o equilíbrio entre as demandas profissionais e a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ANDRE, M. E. D. A. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 45, p. 66-70, maio 1983.

COLLINS, C. et al. COVID-19 and the gender gap in work hours. **Gender, Work & Organization**, 2020.

MATIAS, Aline Bicalho et al. A pandemia da COVID-19 e o trabalho docente: percepções de professores de uma universidade pública no estado de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 2, p. 537–546, fev. 2023.

PISSINATO, W.; COUTINHO, L. C. S. A influência das fusões e aquisições no processo de financeirização da educação superior brasileira. **Laplage em Revista**, v. 5, p. 127-144, 2019.

SOUZA, K. R de. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. e00309141, jan. 2021.

TATAGIBA, L. S.; SERAFIM, A. R. S.; TATAGIBA, J. S. Ambientes virtuais de aprendizagem em tempos de pandemia: diferentes experiências. **Revista Educação Pública, Rio de Janeiro**, v. 23, nº 11, 28 de março de 2023.